

## **DESENVOLVIMENTO DESIGUAL NA ZONA SUL CARIOCA E A FORMAÇÃO DE SUAS PERIFERIAS.**

**Aluno: Vinícius Silva de Moraes**

**Orientadora: Regina Mattos**

### **Introdução**

Sabemos que a zona sul carioca não é configurada somente por edificações, plantas e projetos de alta qualidade onde apenas pessoas com maior poder aquisitivo e escolaridade têm acesso a equipamentos e serviços urbanos. Existe também um outro lado, que pouco é considerado em debates e discursos tanto no senso comum, quanto nos diferentes campos científicos, discursos que reforçam o estereotipo dos moradores de classe média e alta da zona sul mas que camuflam ou tentam confinar uma parcela considerável de outros moradores, das favelas, que também atuam no processo de reprodução espacial e, particularmente, na fragmentação do tecido urbano.

Lado esse que mostra que há pessoas em espaços negligenciados pelo poder público e pela sociedade como um todo e que, com o passar do tempo, seus problemas, seja de infraestrutura material ou social, se tornaram mais e mais complexos, o que faz surgir inúmeras idéias e propostas, vindas de intelectuais e de setores denominados competentes, que nos são apresentados como supostamente engajados, mas com pouco teor crítico, e que deixam de lado o contexto histórico-social/cultural dos objetos de seus projetos.

### **Objetivo**

Estudar como ocorreu a formação e consolidação das favelas dentro de bairros nobres da zona sul carioca procurando entender como foi e qual é o papel do Estado e dos diferentes agentes de produção do espaço na fragmentação desse tecido sócio-espacial para, então, poder focalizar o tráfico de drogas a varejo como mais um agente(re)produtor desse espaço da Cidade.

### **Metodologia**

Devemos entender as favelas como um dos tipos de tecidos urbanos existentes que foram consolidadas com o desenvolvimento desigual do capitalismo na malha urbana. Para isso, as favelas devem ser analisadas, primeiro, como espaços que se formaram e se espalharam juntamente com o desenvolvimento (ordenamento espacial) da zona sul carioca. Segundo, que ela representa um tipo de ocupação (ilegal) que pode ser situada geograficamente dentro desse recorte espacial, que são as encostas de morros que comprimem seus bairros contra o mar. Em terceiro lugar, as favelas devem ser entendidas com um tipo de tecido urbano que evidencia a habitação preferencial de uma classe social (baixa) onde as condições materiais de infra-estrutura são precárias em boa parte delas (grande parte) e as possibilidades de ascensão são escassas.

Com o crescimento da violência não só nas favelas mas, também, no entorno delas e da “valorização” cada vez maior de seus problemas por parte da mídia nos últimos anos, nos é transmitida a idéia, principalmente pela forma com que ela é passada, de que tais percalços sociais são recentes nos bairros da zona sul, e até mesmo, em alguns momentos, nos dá uma sensação de que favelas são poucas, pequenas (logo, sem importância), vide, por exemplo, mapas turísticos e cartões postais, que proporcionam, por consequência, uma leitura errônea do que seria a Cidade (principalmente no que se refere às suas encostas). Mas devemos levar

em consideração que, desde o início do desenvolvimento da zona sul, foram criados espaços propícios para a ocupação (ou invasão, para caracterizar juridicamente), que na grande maioria das vezes, foi feita de forma ilegal e por pessoas de baixa renda sem qualquer opção e perspectiva.

Silva [1] chama-nos a atenção de que as categorias dualistas, como favela contra asfalto, “desordem” contra a ordem, que explicam de forma simplista as particularidades do urbano devem ser relativizadas pois “estas categorias [as dualidades] são básicas para se entender o lugar desses aglomerados na cidade. Mas não podem ser tomadas como um absoluto, para que não limitem a análise”. Como a própria autora afirma, devemos levar em consideração em nossas análises sobre as favelas, que “embora concentradas nas áreas de urbanização consolidada da cidade, também estavam integradas aos vetores de expansão do Rio nesse período (final da década de 1920), como foi o caso da zona sul em um dado momento. Por outro lado, as favelas ou seus núcleos originais seguem – em alguns casos, antecedem – novas urbanizações e loteamentos, tanto na direção das áreas que já se configuravam como socialmente da “elite” quanto para as de ocupação mais caracteristicamente proletárias.

### **Conclusões**

Entendendo a favela como uma permanente (des)(re)construção de ordens legais e ilegais, um primeiro viés que aqui será explorado é o entendimento de que o narcotráfico, em diferentes escalas do Rio de Janeiro, sobretudo na zona sul, atua como uma empresa (no sentido da sua reprodução social e na sua relação com o espaço urbano), reforçando, assim também, o entendimento de que o tráfico de drogas não representa um poder paralelo, como é muito interpretado pela mídia, e o fato de que, no dias atuais, muitos traficantes mantém uma clara relação de “empregado”, pois nesse meio “em rede”, uma boa parte dos traficantes “trabalham” em comunidades que não são necessariamente a sua (no sentido de identificação com o lugar), com a qual ele cria vínculos sociais desde pequeno.

Outro viés que pode ser aqui trabalhado para fundamentar o narcotráfico como uma empresa é a forma como se apresenta o seu mercado de trabalho: hierarquizado, com alguns momentos ou alguns papéis hierárquicos que proporcionam ascensão e que em certos aspectos formaliza determinados postos de trabalho. “As quadrilhas que operam no varejo no Rio de Janeiro, comumente apoiadas logisticamente em espaços socialmente segregados tais como as favelas, apresentam uma hierarquia e uma divisão do trabalho típicas, envolvendo diversos atores sociais”, como afirma Souza [2].

### **Referência**

- 1 – SILVA, Maria Lais Pereira da. **Favelas Cariocas**, Contraponto, Rio de Janeiro, 2005.
- 2 – SOUZA, Marcelo Lopes de. **O Desafio Metropolitano**, Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2000.